

## O USO DO GÊNERO DIGITAL *FANFIC* NA SALA DE AULA: NOVA PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA

 DOI: 10.5281/zenodo.6566873

**Matheus Farias Dantas**

Graduado em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,  
[matheus.fariasdantas@hotmail.com](mailto:matheus.fariasdantas@hotmail.com)

**Tânia Maria Augusto Pereira**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Professora  
efetiva do Departamento de Letras e Artes (DLA) e do Programa de Pós-Graduação  
em Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba,  
[taniauepb@yahoo.com.br](mailto:taniauepb@yahoo.com.br).

### RESUMO

Este artigo aborda a ficção de fã (*Fanfiction*) como um gênero do discurso repleto de polifonia e dialogismo, à luz da Análise do Discurso e da teoria de Bakhtin (1997). Para isso, foi analisada a autoria das ficções de fã, que são produções colaborativas entre escritor e o leitor-fã, tido como coautor da obra. O gênero digital *Fanfiction* foi analisado a partir das relações de forças sociais existentes na construção da sua mensagem, que confirma, complementa e/ou refuta aspectos de discursos anteriores. As características desse gênero discursivo eminentemente digital são descritas, tendo em vista que, muitas delas, foram herdadas dos folhetins publicados em jornais do século XIX, sendo atualizadas para os dias atuais como corroboram Pinheiro (2014) e Silveira (2018). Para expor a dinâmica e a linguagem desse gênero, foram analisadas duas *Fanfics* (abreviação de *Fanfiction*) inspiradas nos contos “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector (2009) e “Negrinha”, de Monteiro Lobato (2009), encontrados em um site voltado para a publicação de *fic's* (abreviação de *Fanfiction*). Ademais, buscou-se afirmar a relevância da ficção de fã ao ser inserida nas práticas didáticas de leitura e escrita, de maneira a aprimorar as habilidades linguísticas e literárias dos alunos.

**Palavras-chave:** *Fanfics*. Gênero Digital. Leitura e Escrita.

### ABSTRACT

This article approaches fan fiction (*Fanfiction*) as a discourse genre full of polyphony and dialogism, in the light of Discourse Analysis and Bakhtin's theory (1997). For this, the authorship of fan fictions, which are collaborative productions between the writer and the fan-reader, considered as co-author of the work, was analyzed. The digital

genre Fanfiction was analyzed from the relations of social forces existing in the construction of its message, which confirms, complements and/or refutes aspects of previous discourses. The characteristics of this eminently digital discursive genre are described, considering that many of them were inherited from the serials published in 19th century newspapers, being updated to the present day, as confirmed by Pinheiro (2014) and Silveira (2018). To expose the dynamics and language of this genre, we analyzed two Fanfics (abbreviation of Fanfiction) inspired by the short stories “Felicidade Clandestina”, by Clarice Lispector and “Negrinha”, by Monteiro Lobato, found on a website dedicated to publishing fics (short for Fanfiction). In addition, we sought to affirm the relevance of fan fiction when inserted in didactic practices of reading and writing, in order to improve the linguistic and literary skills of students.

**Keywords:** Fanfics. Digital Genre. Reading and Writing.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse artigo objetiva analisar as características e relevâncias do gênero digital *Fanfic* e o discurso que ele apresenta. Para isso, foram analisadas duas ficções de fã encontradas no site “*Fanfics Brasil*”. O uso desse gênero em aula pode oportunizar ao estudante, em sua formação de leitor proficiente, se engajar como protagonista no processo de ensino aprendizagem, uma vez que se faz necessário um ensino de leitura e escrita mais inovador, que atenda a realidade de jovens multiletrados. Defendemos o uso do gênero digital *Fanfic* no ensino da leitura e escrita dentro de uma perspectiva discursiva, com o propósito de corroborar para um ensino propício à socialização e humanização do aluno.

Atualmente, a informação e a tecnologia possibilitam mudanças significativas na forma de as pessoas se comunicarem ou se expressarem em comparação com as mídias antigas, que faz com que as novas relações sociais e econômicas se baseiem, sobretudo, na informação digital, bem como nos avanços na microeletrônica e telecomunicações. Assim, podemos afirmar que o sujeito do século XXI é multifacetado, pois interage com vários signos através da mídia digital, algo impensável há algumas décadas, quando a comunicação era, basicamente, analógica e unilateral.

Esse sujeito deve ser competente para compreender as múltiplas linguagens e letramentos, ou seja, saber se posicionar diante de um mundo plural, que trouxe novas abordagens na leitura como também na escrita. O leitor de hoje deve ser dotado de uma postura ativa e crítica diante do texto, que por sua vez, é cada vez mais integrado

com outros conteúdos por meio de *links*, áudios, imagens, entre outras linguagens, as quais são exploradas e atualizadas simultaneamente nos espaços digitais.

A comunicação atual permite que o sujeito use a linguagem que melhor represente a sua mensagem. Um bom exemplo disso é o gênero digital *Fanfic*, que visa retomar o discurso de uma obra cultural (livro, filme, série ou música) para construir seu próprio discurso. O escritor de *Fanfic*, também denominado de *ficwriter*, pode refutar, confirmar, complementar ou fazer sugestões em relação ao texto base, do qual é fã, a fim de compartilhar a sua criação com outros fãs da mesma obra. Esse gênero é, portanto, baseado na releitura e na reescrita e exige que o leitor entre na história, modificando-a. As histórias são publicadas em capítulos nos sites específicos e o autor recebe de seus leitores o *feedback* do que eles gostariam de encontrar nas próximas partes do enredo, fazendo, assim, com que o texto tenha várias vozes discursivas.

No gênero digital *Fanfic* não existem papéis sociais rígidos e separados, pois todos são participantes em interação, uma vez que buscam suprir a necessidade de se ter uma história com o olhar do leitor. Sendo assim, não poderia haver melhor momento do que o atual para a propagação desse gênero discursivo, pois a internet fez a *Fanfic* e outros gêneros digitais se popularizarem, principalmente, entre a comunidade jovem. Isso requer que a escola trabalhe a linguagem em uso com os alunos e não uma linguagem distante da realidade deles, pois os estudantes precisam enxergar sentido no conteúdo que lhes é ensinado. No que se refere ao letramento digital, a *Fanfic* permite unir a obra favorita e o uso frequente da internet com o ensino eficaz para o século XXI.

## 2 TRAJETÓRIA E DEFINIÇÕES DA FANFIC

Ao longo da história, muitas pessoas escreveram textos semelhantes às obras originais, geralmente com o intuito de expor o que poderia ter acontecido no enredo. Os mitos criados na antiguidade são exemplos disso, haja vista que muitos ganharam novas abordagens com o passar dos anos tendo, inclusive, várias versões de uma mesma história. Porém, um texto semelhante não necessariamente é uma *Fanfic*, pois para ser uma obra desse gênero, é necessário que a história criada faça sentido dentro do seu universo de circulação, ou seja, ser criada por e para fãs de um determinado produto cultural (seja um livro, filme, série ou até mesmo música). Esse

público alvo reconhece as características do gênero, mesmo que elas não se adequem aos critérios literários tradicionais.

Tendo como função o entretenimento, o gênero folhetinesco era publicado, capítulo por capítulo, em jornais por autores novos e desconhecidos, o que tornou possível a popularização da literatura de massa e o protagonismo de escritores iniciantes, que se utilizavam do espaço cedido nos jornais para treinarem as suas habilidades de escrita. Como aponta Pinheiro (2014), era muito fácil na época a publicação de um livro em formato de folhetim do que fazê-lo através de uma editora, o que também ocorre na *Fanfic*, uma vez que os *ficwriters* e os fãs praticamente não tem obstáculos editoriais e financeiros para escrever e ler as ficções, pois basta somente a realização de um cadastro simples em um dos sites voltados para a publicação das *fic's*. Ademais, a escrita bem como a leitura são cada vez mais colaborativas e democráticas.

Pinheiro (2014) e Silveira (2018) sustentam a tese de que muitas características que o público leitor reconhece nas ficções de fã advém dos folhetins literários, muito comuns em jornais do século XIX. Segundo os autores, assim como as *Fanfics*, esses textos contribuíram para a democratização da leitura, de maneira que todos os cidadãos tinham acesso a narrativas ficcionais, que antes não estavam acessíveis às pessoas mais desfavorecidas economicamente.

A chance de uma *Fanfic* obter visibilidade é grande, considerando o fato de ela tratar, da mesma forma que os folhetins do século XIX, de um enredo simples e de fácil entendimento, além de outras estratégias típicas de um romance e de um melodrama para seduzir o público a exemplo do maniqueísmo e da luta entre mocinho e vilão. Uma narrativa melodramática geralmente obtém sucesso. Como argumentam Porto e Silva (2005),

A narrativa envolve amores tornados impossíveis, intrigas, conspirações, mistérios, segredos, crianças trocadas, filhos perdidos, juramentos, venenos, passagens secretas, fugas espetaculares, noites tempestuosas cortadas por relâmpagos e trovões. De fácil apelo sentimentalista, aos olhos do leitor desenha-se o sofrimento humano ao mesmo tempo em que o fascínio pelas situações dramáticas e apaixonantes levadas ao exagero. Explora-se ainda a atração pelo fantástico, pelo nebuloso, pelo exótico. (PORTO; SILVA, 2005, p. 49).

É importante destacar que criar uma *Fanfiction* e torná-la popular não depende apenas da criatividade do fã em utilizar recursos melodramáticos e de seu apreço pela obra primária. Ao mesmo tempo em que há *Fanfics* populares, existem as que são

impopulares devido a vários fatores. Algumas vezes, o fracasso de uma *fic's* acontece pelo fato de que algumas não possuem recursos que facilitam a interpretação textual com coerência e coesão. Outro fator que corrobora para o insucesso de muitas *Fanfictions* é a rejeição ao aspecto da verossimilhança, de maneira que são criadas histórias sem coerência com o produto cultural no qual se inspiraram e, por conseguinte, afastam os fãs.

Para que isso não ocorra, é necessário que o escritor da *Fanfic* não se distancie muito da obra original, uma vez que a imaginação, nesse gênero, segue alguns parâmetros para não parecer muito distante do leitor que busca uma nova visão do enredo original, ou seja, procura respostas para a pergunta “e se?”

Uma *fic's*, cuja meta é atrair a atenção do seu público alvo, deve fazer com que o leitor viva a história, colocando-se no lugar dos envolvidos na trama. Alcança-se esse objetivo seguindo alguns elementos que a *Fanfic* possui, os quais são comuns também no folhetim do século XIX. Sobre isso, Silveira (2018) pondera que

Quanto ao conteúdo, tanto os folhetins quanto as fics apresentam narrativas ágeis, uma profusão de eventos e ganchos usados intencionalmente para prender a atenção do leitor. É muito comum o uso da oralidade nesses dois tipos de textos, o uso de diálogos para alongar os textos. Outra coisa é que o uso dos diálogos são facilitadores da leitura, as redundâncias também são presentes, são para ajudar o leitor a lembrar coisas passadas já que essas narrativas eram sequenciadas e podiam levar meses para serem finalizadas, assim como as fics. (SILVEIRA, 2018, p. 32).

A *Fanfic* possui uma estrutura relativamente estável com o uso de uma linguagem mais coloquial e elementos comuns a toda narrativa: prólogo, introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho, além de ter várias categorias, como romance, suspense, terror, entre outras. Além da estrutura, existe outro aspecto essencial na *Fanfic*: as plataformas de publicação e circulação. Nelas existem regras que não devem ser violadas, bem como as categorias em que as histórias criadas são encaixadas. De acordo com Vargas (2005, p. 13), as chamadas *fanzines* (junção das expressões “fã” e “magazine”), revistas que tratavam de um tema através de textos e desenhos ilustrativos. As *fanzines* foram os primeiros suportes de *Fanfics* décadas atrás, mas seu alcance era limitado, pois eram entregues pelos Correios. Segundo Vargas (2005),

Com a ampliação do alcance dos meios de comunicação de massa, os *fandoms* foram aumentando de tamanho e as *fanzines*, conseqüentemente,

foram ganhando maior sofisticação, ainda que nunca perdessem sua característica de publicação voltada para um grupo específico de fãs, fosse de um seriado televisivo, de um filme, de uma banda, ou de um ator. Atualmente, as fanzines foram praticamente substituídas pelas e-zines, que, embora mantenham as mesmas características das fanzines, são editadas, publicadas, divulgadas e consumidas em meio eletrônico. (VARGAS, 2005, p. 14).

A migração do campo impresso para o mundo digital proporcionou uma lente de aumento para as ficções de fãs, que permanecem à margem do cânone literário. Com isso, essa produção ganhou um espaço próprio, no qual vários usuários se cadastram e formam uma comunidade em que cada participante, com seu nome próprio nesse ambiente virtual, interage com os demais. No Brasil, conforme Vargas (2005, p. 8-13), os sites especializados em *Fanfics*, como *Spirit Fanfiction* e *Wattpad*, se popularizaram após a chegada de séries como *Harry Potter*, em 2000, e a novela “Rebeldes”. Inicialmente, apenas com mudanças no final da história, chegando até adaptações mais profundas em comparação à obra original como, por exemplo, mudar o ambiente onde se passa a história, criar novos acontecimentos no meio da trama, unir universos de obras distintas, dentre outras possibilidades.

O eixo norteador de produção da *Fanfiction* sempre deve ser a recepção dos leitores, já que com ela pode vir prestígio e em alguns casos até retornos financeiros, a partir do momento em que exista grande aceitação do público. Quando isso acontece, rapidamente se formam grupos nas redes sociais formados por admiradores/comentaristas de uma *Fanfic*, da obra original que a inspirou. A partir disso, ocorre a interação entre os comentaristas e o *ficwriter*, o que provoca a expectativa no público obtendo, assim, um relacionamento mais próximo com seus leitores, ainda que fundamentalmente virtual, podendo se transformar em boas amizades, algo que não ocorria com o folhetim nem com outros gêneros discursivos devido a distância entre escritor e fã.

Nos grupos das *Fanfiction*, não importa a origem, a classe social ou a faixa etária do participante, mas sim os interesses afins pelo mesmo universo ficcional, além de ter os mesmos objetivos dos demais membros. A interação entre eles ocorre, na maioria dos casos, com a linguagem do internetês para fortalecer a identidade da comunidade, de forma que todos presentes nela estejam unidos por laços de união e de cumplicidade. Segundo Pinheiro (2014), outro aspecto que corrobora para o fortalecimento da relação “autor-leitor-obra” é o fato de que as *Fanfics* são

Produções escritas especialmente por e para adolescentes, as fanfics são histórias carregadas de traços diretos e indiretos do cotidiano deles e de seus dramas pessoais. São recorrentes os problemas de relacionamento com os pais, o refúgio através da amizade com a melhor amiga, o dia-a-dia na escola (muitas personagens centrais de fanfics estão no colégio) e, obviamente, os relacionamentos amorosos, seu nascer e crescer, suas idas e vindas, dores e encantamentos. Ao funcionar como um caminho de fantasia que supre as lacunas existenciais, gera identificação e entretém o leitor, as fanfics, tal como os folhetins, cativam seu público com muita facilidade. (PINHEIRO, 2014, p. 28).

Essa natureza interativa é fundamental no processo de criação da história, pois a medida que o autor vai postando os capítulos de sua ficção, os leitores comentam com sugestões ou críticas e propõem novas ações no enredo, o que possibilita uma relação mais próxima e multilateral com o público. Contudo, muitos autores não permitem o uso de suas obras, com a alegação que a prática da *Fanfic* pode incorrer no crime de plágio. Outros autores não só permitem como também estimulam os leitores a produzir, já que as ficções de fã aumentam a visibilidade da obra original, além de haver vários tipos de *fic's*, sendo que cada um tem vários exemplares, tornando difícil produzir esse gênero discursivo. Alguns deles, inclusive, são de excelente qualidade, outros necessitam de mais organização bem como de coerência textual e existem os que fizeram muito sucesso, como a obra *Cinquenta Tons de Cinza*, da escritora E.L. James, inspirada na série *Crepúsculo*.

Mesmo com essa polêmica, o fato é que a *Fanfic* se tornou uma categoria literária distinta e criativa por possuir um estilo único, no qual podem ser utilizados recursos visuais, orais ou auditivos para publicar uma mensagem. A ficção de fã é um texto multimodal e um gênero digital marcado pelo dialogismo e pelo interdiscurso em uma perspectiva bakhtiniana, o que será abordado no tópico a seguir.

### 3 O GÊNERO *FANFIC* NO VIÉS DISCURSIVO

A atividade discursiva, segundo Bakhtin (1997), acontece a partir de discursos anteriores que são adaptados para o contexto sócio-político dos interlocutores, a fim de que a mensagem elaborada por um locutor faça sentido para os participantes, que, por sua vez, estão ativos nesse processo de construção dos enunciados. A ficção de fã retoma um discurso anterior, adaptando-o para construir seu próprio discurso, seja refutando, confirmando ou acrescentando algo ao universo original.

De acordo com o pensamento Bakhtiniano, “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Isso permite afirmar que a linguagem é construída a partir do uso que seus falantes fazem dela, por meio da interação (informal ou formal) entre os sujeitos, que protagonizam as relações sociais e culturais. Por meio dela, construímos nossas ideias, argumentos e discursos.

O discurso é multifacetado e complexo, definido por Bakhtin (1997) como uma “língua viva”, ou seja, por não ser inerte ao tempo, o discurso recebe inúmeras influências sócio históricas em sua construção e interpretação. Não tem limites estabelecidos de forma rígida para o discurso, uma vez que ocorre em um determinado tempo e contexto sócio histórico através dos elementos linguísticos, não se resumindo a uma mera transmissão de informação por meio da fala, embora necessite desse instrumento de comunicação para se concretizar. A palavra emitida por um locutor carrega ideologias e conceitos formulados socialmente, que não devem ser desprezados pelo interlocutor no momento de sua interpretação textual.

O locutor desempenha vários papéis sociais e seu discurso não é neutro, uma vez que tanto influencia como é influenciado pela sociedade. O sujeito se caracteriza por ser histórico e heterogêneo. No seu discurso é possível perceber resquícios de outros discursos, que influenciam sua composição e estilo, seja refutando-os ou confirmando-os. A partir das relações dialógicas, são emitidos significados, juízos de valor, opiniões pois são relações semânticas estabelecidas entre enunciados. Além disso, o discurso nunca se repete, ganha novas roupagens porque sofre influências de outras manifestações discursivas.

Os discursos se encaixam em padrões comunicativos, denominados por Bakhtin (1997) de gêneros discursivos, são relativamente estáveis e ligados ao contexto social no qual o falante está inserido. Isso acontece devido a mutabilidade da língua, que se adapta às mais diversas situações comunicativas. Portanto, há uma grande diversidade de gêneros do discurso. Sobre isso, Bakhtin (1997) afirma que:

O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado. No gênero, a palavra comporta certa expressão típica. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta. (BAKHIN, 1997, p. 312).

Os gêneros discursivos não são estáticos e fixos. Conforme a realidade sócio histórica, surgem gêneros novos, alguns desaparecem, outros são atualizados. Eles não vêm do acaso, estão intimamente relacionados ao fator cultural existente nas sociedades, sendo que cada cultura possui suas peculiaridades, que são alteradas constantemente ao longo de sua história, criando tradições que influenciam os gêneros do discurso, os quais não tem origem e fim determinados. Na perspectiva de Maingueneau (2016), os gêneros são usados por sujeitos

Presumidos pelas atividades verbais em curso como sendo um certo tipo de evento e devem dar sua contribuição; apoiando-se sobre seus conhecimentos, devem supostamente saber como os constituintes (componentes) dos gêneros se associam de maneira típica, o que implica expectativas a cada vez. (MAINGUENEAU, 2016, p. 138).

Em outras palavras, adequamos uma mensagem às especificidades de um gênero e ao ouvir o discurso de alguém, identificamos o gênero e sua composição, estilo (recursos linguísticos empregados) e conteúdo que lhe é característico. Isso acontece devido ao conhecimento prévio que temos do gênero. Os fãs que interagem em um site ou grupo voltados para a publicação bem como a circulação das *Fanfictions*, por exemplo, reconhecem facilmente as nuances do gênero por já estarem habituados a ler/escrever esse gênero discursivo.

Isso não acontece só com esse tipo de público, mas com todos nós, pois sabemos reconhecer os elementos típicos de um artigo, reportagem, carta e de outros gêneros através das funções que desempenham, bem como por meio da esfera de circulação e produção na qual estão inseridos. Os gêneros permitem, dessa forma, a divulgação dos discursos de várias esferas. Através de artigos, resenhas e outras produções acadêmicas, os discursos e as posições de uma comunidade universitária são revelados. No caso da *Fanfic*, são evidenciados os discursos e as posições de um grupo existente nas mídias digitais, a exemplo das redes sociais.

A maleabilidade de um gênero do discurso contribui para os processos de identificação e análise de um gênero discursivo, que pode ter relações intragenéricas e/ou intergenéricas, ou seja, ter aspectos de intertextualidade com texto do mesmo gênero ou de diferentes gêneros, como aponta Rojo (2007, p. 1767), a qual afirma que, no caso das relações intergenéricas, a “fronteira entre os gêneros é marcada, sintática ou composicionalmente”. O gênero discursivo é, portanto, heterogêneo, repleto de várias vozes discursivas e pode possuir aspectos de vários tipos textuais,

sejam eles narrativos, descritivos, dissertativos-argumentativos, expositivos e/ou injuntivos. A *Fanfic*, assim como outros textos literários, pode ter elementos típicos de outros gêneros, em diversas esferas de atuação humana.

Dependendo da realidade em que o gênero discursivo está inserido, ele pode tanto sofrer mudanças como influenciar esse contexto comunicativo. Isso acontece com a *Fanfic*, que surgiu de maneira impressa em revistas e jornais, passando para as mídias digitais com as novas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), adaptando-se às características do ambiente virtual. Um exemplo dessa adaptação é o surgimento constante de *sites* e *blogs* voltados para a escrita de ficções de fã. A *Fanfic* está intrinsecamente ligada ao mundo virtual, onde a interatividade acontece simultaneamente, sem fins lucrativos, já que o principal objetivo desse gênero é ampliar o contato entre os fãs e a *Fanfiction*.

Os leitores, muitas vezes, encontram *nas Fanfics* uma forma de fugir da realidade, mesmo que de forma ficcional. Nesse universo da ficção, eles podem exteriorizar seus pensamentos e interagir com pessoas de diversos grupos sociais, com faixa etária e localização distintas. Essa interação, aliada à reelaboração de discursos anteriores, causa uma multiplicidade de relações dialógicas no texto de fã. Tais relações, como afirma Fiorin (2006, *apud* FÉLIX, 2008), são

Contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de condição ou de luta, de concerto ou desconcerto. (FIORIN, 2006, *apud* FÉLIX, 2008, p. 24).

A relação de sentido entre essas vozes não se dá apenas “face a face” e acontece desde que a literatura surgiu, o que permite concluir que sempre há resquícios de polifonia nos romances, nos dramas, nas obras de ficção científica ao longo da história da literatura e por conseguinte, na *Fanfic*. Com base nisso, um fã escreve seu texto de acordo com o tipo de história (pode ser uma realidade alternativa, mistura de universos literários diferentes, um texto com vários ou poucos capítulos e que tem elementos visuais, sonoros, *hiperlinks*, entre outros elementos multimodais) e com os aspectos do texto primário que ele deseja manter e aqueles que serão alterados (pode ser personagem, espaço, tempo, entre outros).

Os enunciados desse gênero adquirem sentido para os leitores se estiverem relacionados com outros enunciados, o que caracteriza o texto como um espaço de

ideias e de embates entre diversas vozes, ou seja, uma rede de opiniões e posturas que se complementam, ao invés de se anularem. A polifonia e o dialogismo interferem de forma decisiva no processo criativo de uma ficção de fã, já que o *ficwriter*, muitas vezes, cria seu próprio estilo baseado no texto original, a partir de recursos textuais como a intertextualidade, citações, bricolagem, pastiche e outros. De acordo com Félix (2008), essa é uma vantagem da *Fanfic*:

O interessante das fanfics, é que nelas o *ficwriter* encontra liberdade e espaço para escrever quaisquer cenas que tenha imaginado com qualquer personagem; ou para mudar o final de uma história; para criar conexões entre história e partes da história; entre personagens de núcleos, cânones, épocas diferentes ou até mesmo reais e irreais. Esse dialogismo deixa espaço para uma infinidade de combinações e é a singularidade de cada pessoa que fará com que ela escolha o modo como vai criar sua fanfiction. As fanfictions são, muito além de lugares onde expandir o material canônico, laboratórios de experimentação literária. (FÉLIX, 2008, p. 130).

Na *Fanfic* todos compartilham do desejo de ver outra alternativa para uma determinada obra, e quanto mais pessoas participarem dessa interação, mais a *Fanfic* ganha visibilidade e reconhecimento, algo fundamental no meio digital, corroborando para a relação que Foucault (2014) defende entre a circulação dos discursos e o poder, neste caso, advindo da credibilidade do texto perante os fãs.

O leitor fã está cercado por discursos sobre uma obra e tem uma postura mais ativa que a de outros leitores já que faz comentários, sugestões e/ou refutações acerca da obra. Quanto mais participação de leitores fãs houver, melhor o texto pode ficar e mais popularidade terá. Dessa forma, observa-se que a criatividade, algo inerente a esse gênero, não está restrita somente ao autor que, inclusive, não tem controle absoluto sobre sua criação, visto que o público alvo se comporta como coautor. Ademais, a *Fanfic* não tem uma reação universal dos leitores, pois cada um pode fazer sugestões, que vão desde mudanças pontuais até alterações mais profundas no enredo da trama.

Os leitores são, portanto, coautores e isso reflete uma mudança, que já vem ocorrendo há alguns anos, na concepção da autoria de uma obra. Por muito tempo, considerou-se o autor como sendo o dono absoluto e original do que se fala ou escreve. Esse entendimento, porém, cedeu espaço para a definição de autor proporcionada por Barthes (1988, p.62), como sendo aquele que retoma, em sua escrita, discursos já ditos tanto pelos leitores quanto pela obra base para a *Fanfic*. A produção colaborativa, sobretudo no meio digital, é algo essencial para a vivência de

uma pessoa nesse ambiente e tem diminuído a distância entre emissores e receptores de uma obra, de maneira a possibilitar o engajamento de diversas pessoas para participar desse processo de interação existente na construção de gêneros digitais como a ficção de fã. Enquanto autor, o fã deve escrever sabendo que a interatividade está presente no seu processo de produção e que ela permite agir de maneira colaborativa nas redes, percorrer caminhos não lineares nos hipertextos, dentre outras inúmeras possibilidades.

O *ficwriter*, assim como todo escritor, coloca-se no lugar de seu leitor para ter uma antecipação, nas palavras de Orlandi (2003), de como ele irá interpretar o discurso da *Fanfic*. Além dessa, outras condições de produção interferem diretamente no processo de escrita, a exemplo das relações de sentidos, isto é, o discurso sempre se relacionará com outros, “não há começo absoluto nem ponto final para o discurso” (ORLANDI, 2003, p. 39), algo claramente identificável nas *Fanfictions*.

As relações de força também são importantes nesse processo de escrita e são definidas por Orlandi (2003, p. 40) como “relações hierarquizadas”, baseadas no poder dos diferentes lugares sociais. Isso está bem impregnado nas *Fanfics*, uma vez que o escritor fã novato, que está escrevendo seus primeiros textos, pode receber um *feedback* positivo dos seus leitores mais experientes, com muitos elogios ou comentários negativos por parte deles que podem fazer com que a história não siga adiante, como é possível constatar nas inúmeras ficções de fã que não tem um bom desfecho. A experiência de um leitor ou autor fã apresenta um lugar de fala mais prestigiado, criando uma hierarquia nos grupos e sites voltados para o compartilhamento das *Fic's*. Pêcheux (1997, *apud* CAMARGO, 2015), corrobora com isso ao afirmar:

O que diz, o que enuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz: um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para “dar o troco”, o que é uma outra forma de ação política. (PÊCHEUX, 1997, p. 77 *apud* CAMARGO, 2015, p. 46).

Dessa maneira, o *ficwriter*, como todo autor, não tem controle sobre a circulação e a interpretação de seu texto sobretudo no meio digital uma vez que a noção de leitor também vem se modificando. Hoje, o leitor fã deve ser cada vez mais engajado e ativo no processo de analisar uma obra o que não é simplesmente decodificar, mas ler e comentar de maneira clara e objetiva.

A *Fanfic* possui vários discursos que se reencontram com outros, isto é, discursos que são elaborados a partir de outros anteriores (interdiscurso), seja de forma explícita ou implícita. Esse interdiscurso permite que sejam feitas reelaborações a partir das memórias discursivas, tanto do locutor como do interlocutor de um texto de fã acerca da obra original e a maneira como essas memórias se formam influencia as condições de produção da *Fanfic*. Através desse processo interdiscursivo, a mensagem propagada em uma *fic's* busca atrair o leitor para que ele participe e interaja com o autor e com a obra.

Para que essa visibilidade seja maior e eficiente, o *ficwriter* busca, geralmente, escrever com base em histórias consagradas recentemente, como séries e livros da literatura fantásticas, a exemplo da saga Crepúsculo e Harry Potter que, quando surgiram, popularizaram a *Fanfic* no mundo. No Brasil, além dessas obras, a série “Rebeldes”, exibida na televisão, provocou nos telespectadores o anseio de criar novas linhas para a trama. Inicialmente, essas histórias eram publicadas no *Orkut*, através de suas comunidades (os chamados “ grupos” nas redes sociais de hoje), as quais dispunham de uma organização capaz de integrar a produção, a análise feita pelas fãs e a divulgação das *Fanfics*. Com o fim dessa rede social, cresceu o número de sites especializados para esse tipo de gênero além de grupos no *Facebook*, compostos por admiradores de uma determinada obra. Alguns sites, como *Wattpad* e *Fanfics Brasil*, funcionam como bibliotecas virtuais ou como redes sociais de leitores, nas quais o usuário faz um cadastro e pode ler e comentar várias ficções de fã, instantaneamente. Em sites como esses, os textos podem ser publicados um capítulo por vez, em diferentes idiomas e lidos em múltiplos suportes.

A maioria dos *ficwriters* escreve seus textos com base em obras publicadas recentemente, sendo raros os fãs que escrevem sobre clássicos do cânone literário dos séculos passados e aqueles que o fazem utilizam uma linguagem mais atual, sem o uso de termos antigos, além de escrever, na maioria das vezes, com base nos contos clássicos mais conhecidos da sociedade, a exemplo de *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector. É possível encontrar, no ambiente virtual, um bom número de ficções de fã que possuem essa obra como inspiração.

### **3.1 *Fanfic* do Conto *Felicidade Clandestina***

Narrado em primeira pessoa, o conto de Clarice Lispector relata a história de uma menina, amante da leitura, que deseja muito ler um livro: *Reinações de Narizinho*, do escritor Monteiro Lobato. O livro faz parte do acervo bibliográfico da livraria pertencente ao pai da antagonista, a qual é descrita como egoísta, gorda, baixa, sardenta, rica e da mesma idade da protagonista.

A dona do livro, todavia, é má e arquiteta vários planos para enganar a narradora com a afirmação de que vai emprestar a obra, mas quando chega o momento de fazê-lo, ela muda de ideia sob vários pretextos, dentre elas, de que já havia emprestado o livro para alguém, o que era mentira. A rotina torturante de ir à casa da colega e voltar para o seu lar sem o desejado livro, tortura e desgasta a menina, mas fez com que a mãe da garota cruel ficasse curiosa pelo o que estava ocorrendo. Ela ficou decepcionada com a filha, já que o livro nunca saiu da prateleira e não foi lido por ninguém. Diante disso, a mãe emprestou o livro a jovem, a qual poderia ler pelo tempo que julgasse necessário. A garota ficou muito feliz e prazerosa por desfrutar daquela experiência literária.

[...]. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só pra depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade [...] (LISPECTOR, 2009, p. 7).

Assim, ela sente uma espécie de felicidade clandestina, isto é, a felicidade de conseguir algo que se desejou muito e que deve ser saboreado aos poucos. Ela não conhecia bem essa sensação de epifania que estava tendo com seu objeto de desejo e isso é comum nos personagens de Lispector, ou seja, a felicidade, nas suas obras é um sentimento que vem como uma surpresa, nos momentos mais simples da vida, sendo um elemento que foge à normalidade e à rotina

Um momento do texto que expressa isso é justamente quando a menina finge esquecer que é possuidora do livro, mesmo que temporariamente, apenas para redescobrir o prazer de tê-lo. Ela precisa alimentar esse sentimento para que ele não se perca e por isso se concentra muito no seu interior, deixando o exterior um pouco de lado para elevar a sua consciência de si mesmo e da vida. Vê-se que nesse texto, como em outros da coletânea de contos em que ele está escrito, Lispector (2009) mergulha na missão de estudar profundamente o ser humano com seus medos, angustias e ansiedades, além de expressar seu estilo literário e visão de mundo.

O escritor de *Fanfic* coloca seu estilo, que pode se aproximar ou não da obra original. No caso da *Fanfic: Felicidade clandestina: Feijão com Arroz*, encontrada no site *Fanfic Brasil*, o *ficwriter* (ISAAC, 2019) reproduz aspectos da obra original, mas quem narra o enredo é a menina ruiva, a “vilã” do conto de Lispector, o que comprova que o texto traz outras possibilidades para a trama. O eixo principal dos fatos narrados continua sendo o empréstimo de um livro altamente desejado por uma garota, que é conhecida da filha do dono de uma livraria, onde a obra está. Existem outras semelhanças com o conto original como o livro, que continua sendo *Reinações de Narizinho*, o início da história com a descrição das personagens bem como desfecho, o gosto da menina ruiva por balas e a repulsa por leitura. Sobre essa recusa da garota por livros, uma das passagens do enredo complementa a obra original:

Tais são as bênçãos e maldições de ter um pai dono de livraria! Nem mesmo com livros eu me importava, já que sempre tive mais interesse pelas delícias da culinária. Aquelas meninas nunca entenderiam os prazeres de uma refeição bem preparada, desde um simples feijão com arroz à um lindo bolo de casamento. Às vezes, quis que meu pai fosse dono de uma confeitaria. (ISAAC, 2019, n.p).

O leitor que tiver lido a obra de Lispector (2009) reconhecerá imediatamente o ambiente, bem como os personagens descritos, inclusive a menina que deseja ler o livro de Monteiro Lobato se chama Clarice, uma referência à escritora, que não deu nomes aos envolvidos no seu conto” *Felicidade Clandestina*”, publicado na década de 1970. A *Fanfic* confirma a história, mas modifica completamente outros elementos, a exemplo da visão que o leitor fã tem da menina alta e de cabelos lisos que deseja ler o livro. Ela e suas amigas são descritas como invejosas, arrogantes, que sempre se aproximavam de alguém com interesses escusos e que se sentiam o centro das atenções na sala de aula da escola na qual estudavam, sendo assim uma comprovação que a *Fanfic* não apenas continua com o discurso de uma obra, mas vai além, trazendo informações complementares.

Além disso, o escritor pode ir por outro caminho, isto é, refutar completamente outros elementos da história, oferecendo uma visão mais ampla dos fatos para o leitor fã, público alvo da *Fanfic*, já que na história original é fornecida apenas o ponto de vista de uma das personagens envolvidas. O escritor seleciona as possibilidades de mudança do enredo primário que mais se adequam aos seus objetivos para compor o seu *fanon*, que são as “informações não-canônicas inventadas em *fanfictions* que,

sobre o critério pessoal de  *muitos* leitores do gênero, se tornam uma extensão não oficial do cânone”. (SIQUEIRA, 2008, p. 30).

A *Fanfic* analisada afirma que a menina ruiva confirma que foi cruel com Clarice, mas o foi porque a garota a importunava bastante: “[...] ela nem fazia um esforço pra esconder o egoísmo e a falsidade por traz da sua amizade, sempre buscando conseguir de mim algum livro bobo emprestado. Num momento de crueldade, reconheço, eu criei um plano pra ensinar àquela loira interesseira uma lição [...]” (ISAAC, 2019, n.p).

É como se a vilã, de fato, fosse Clarice e suas amigas, que convidavam a menina ruiva para passeios e confraternizações unicamente por interesses pessoais. O autor explora o máximo de possibilidades que a *Fanfic* oferece e acrescenta que a sua protagonista já era, possivelmente, uma adulta pois ela narra a história deixando claro que era, na época, uma adolescente, e como tal, estava pensando e repensando suas atitudes após sua mãe descobrir o que ela estava fazendo com sua colega. Percebe-se que o autor confirma que ela, assim como descrito por Lispector (2009), é observadora, um pouco desconfiada e com tendência a ser vingativa e meticulosa em alguns momentos. A história conclui sem citar o que aconteceu com Clarice, depois de pegar o livro emprestado, como é descrito no enredo original: “Depois da dura reprimenda que eu recebi da minha mãe, fui forçada a repensar os meus erros e mudar minhas atitudes. Hoje, décadas depois, ainda penso naquele livro que Clarice nunca devolveu. Não que eu o teria lido, mas mesmo assim...!” (ISAAC, 2019, n. p).

A *Fanfic* diverge em alguns aspectos do texto de Lispector (2009), mas apresenta muitas semelhanças, diferentemente de outras ficções de fãs que refutam elementos de Felicidade Clandestina, a exemplo dos *crossovers*, encontrados em sites como *Fanfic Brasil*. Um deles intitula-se: *Felicidade Clandestina: Felicidade é apenas um sonho*, que integra características de dois universos literários distintos para a criação de seu enredo, ou seja, personagens, espaço e ações de duas histórias são adaptados para estarem juntos em uma *Fi'cs*, como será descrito no tópico a seguir.

### **3.2 *Fanfic Crossover* dos Contos Felicidade Clandestina e Negrinha**

Antes de analisarmos a *Fanfic*, precisamos falar um pouco do conto de Monteiro Lobato: *Negrinha*. O enredo traz à tona uma denúncia social contra a

exploração dos negros no século XIX, em especial com os filhos dos escravos da época. Apesar da vigência da lei do ventre livre, as crianças negras eram criadas pelos patrões, o que não deixou de ser, na prática, a continuidade da escravidão, sob uma justificativa social bem arquitetada de que os menores estavam apenas sendo educados e sustentados.

Esse contexto é retratado na ficção de fã, Negrinha. A protagonista é uma menina de 7 anos, órfã e descendente de escravos, criada por Dona Inácia, que buscava passar a imagem de uma senhora bondosa e empática, mas não aceitava a igualdade entre brancos e negros. Além disso, ela agredia Negrinha, que carregava em seu corpo feridas e sinais dos maus tratos. Nas palavras de Lobato (2009),

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. (LOBATO, 2009, n.p).

Um momento marcante desse conto é a chegada das sobrinhas de D. Inácia à casa grande, na época das férias escolares. As meninas brincam bastante, sobretudo de boneca, e andam pela casa felizes, fazendo muita bagunça algo que não é repreendido pela tia, que se aborrecia com qualquer conduta semelhante por parte de Negrinha. A garota se encanta com as brincadeiras das meninas e chega a participar delas, algumas vezes, o que a deixa alegre por estar em um mundo novo, onde tudo é um sonho de criança. Esse encanto, porém, não dura muito tempo, uma vez que as sobrinhas voltam para casa e Negrinha fica descontente, vindo a morrer solitária pela frustração de retornar a um mundo de opressão e sem aquela epifania que sentira anteriormente. Esse conto evidencia uma discriminação, até hoje existente, entre crianças brancas e negras e como ela vem ganhando novas roupagens, mesmo após o fim oficial da escravidão.

Na *Fanfic* de Castro Júnior (2019), nome do fã no site *Fanfic Brasil: Felicidade Clandestina: Felicidade é apenas um sonho*, pode-se notar uma multivocalidade com os contos de *Negrinha* e *Felicidade Clandestina*. O início da história dialoga com o conto de Lobato (2009), ao utilizar o mesmo nome da protagonista, como mostra o trecho: “Negrinha era uma menina de sete anos. Preta? Não: Fosca, mulatinha escura, de cabelos pretos e olhos assustados” (CASTRO JUNIOR, 2019, n.p).

Também no início, a trama dialoga com o texto de Lispector (2009), quando afirma que Negrinha era diferente da filha da patroa “que era baixa gorda e sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados” (CASTRO JUNIOR, 2019, n.p). Pode-se concluir que a descrição física da menina ruiva é uma referência a antagonista do conto de Lispector (2009).

Desse modo, o *ficwriter* traça novos contornos para a história quando traz a figura de Negrinha, que tem pais vivos, semelhante ao texto de *Felicidade Clandestina*. Outro ponto semelhante é que, na *Fanfic*, a menina sempre sonhou em ter um pai dono de livraria e desejava ler *Reinações de Narizinho*, que estava na livraria de sua patroa. A antagonista presente na *Fanfic* é a filha da patroa, também de cabelos ruivos, e cria um plano cruel para impedir que Negrinha pegue emprestado o livro, assim como a menina cruel do conto de Lispector (2009).

A *Fanfic* evidencia seu poder de engajamento crítico e reflexão para com as questões sociais ao evidenciar que uma criança negra tem, muitas vezes, um acesso limitado ao mundo da leitura e ao conhecimento, devido às inúmeras barreiras impostas pela sociedade.

Uma fala da filha da patroa mostra claramente isso, após ter seu plano cruel de enganar Negrinha descoberto: “A mãe da malvada menina virou-se para a filha e exclamou: mas este livro nunca saiu daqui e você nem quis ler! sua filha respondeu: “mamãe, a senhora não está vendo que ela é negra” (CASTRO JUNIOR, 2019, n.p). A patroa emprestou o livro para Negrinha, que ficou muito contente e entusiasmada ao receber, mas nesse momento de alegria, descobre que toda essa história se tratava de um sonho, justificando, assim, o título do conto. Para a protagonista, a felicidade não passa de um sonho, de uma ilusão longínqua devido ao racismo que sofria por causa da cor de sua pele.

Dessa forma, a *Fanfic* pode se basear em textos clássicos da literatura sem perder sua essência, criando novos panoramas para histórias já consagradas pelo público por meio de relações dialógicas que podem refutar, manter e/ ou complementar aspectos do texto primário. Cada alteração feita pelo *ficwriter* faz novos sentidos para a história, transformando um leitor passivo em um produtor de conteúdo literário no ciberespaço e o fã em alguém que pode reagir, comentar e/ou sugerir acerca da *Fanfic* que está lendo.

Ademais, a ficção de fã pode tratar de temas atuais, como o racismo e o poder da leitura, que, feita de maneira criativa, faz o leitor virar um admirador de uma

determinada obra a tal ponto de imaginar novos rumos para ela e isso é feito com uma felicidade parecida com a da protagonista de *“Felicidade Clandestina”*, ao possuir seu tão sonhado livro, mesmo que de forma emprestada. Nesse sentido, é totalmente adequada a inserção desse gênero em salas de aula, pois sendo apresentado de forma coerente com as práticas sociais de multiletramentos, pode corroborar para que nossos alunos não sejam meros reprodutores passivos de informações descontextualizadas no século XXI, mas sujeitos competentes e eficientes nos âmbitos da leitura e da escrita, tornando-se protagonistas de sua aprendizagem. No entanto, há muitos desafios nessa inserção da *Fanfic* nas aulas como será descrito no tópico a seguir.

#### **4 OS MULTILETRAMENTOS NA SALA DE AULA**

Diante de um panorama social cada vez mais tecnológico e integrado com uma cultura participativa/colaborativa, é notável o protagonismo dos multiletramentos e da multimodalidade em várias esferas de atuação humana, presentes, sobretudo, na mídia digital, que permitiu a ascensão de textos produzidos pelos mais diferentes sujeitos, independente da origem ou da classe social. Tanto um indivíduo do interior do Brasil quanto alguém que mora na Europa pode produzir, bem como divulgar sua *Fanfic*, por exemplo, pela rede mundial de computadores com sua inerente fluidez e multimodalidade, como também chegar a ter uma boa visibilidade, algo impensável há algumas décadas. Os *ficwriters* podem inserir recursos sonoros e visuais em suas produções provocando, assim, mudanças nas roupagens dos textos.

Não somente a escrita se modificou, mas a leitura também possui novos paradigmas, que exigem práticas de letramento atualizadas, cujo aprendizado deve ocorrer no meio escolar. Os textos híbridos atuais pedem capacidades de interpretação para cada linguagem utilizada em sua criação e dessa maneira, as atuais práticas de leitura e escrita ensinadas nas escolas são insuficientes e restritas para a era digital. Azzari e Custódio (2013, p. 74) afirmam que devemos “deixar de lado o olhar inocente e enxergar o aluno em sala de aula como o nativo digital que é: um construtor – colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas”. Os jovens atuais estão mais dinâmicos, críticos e imersos em relações sócio-profissionais líquidas e imediatistas. Essa é apenas uma das várias transformações que as TIC tem proporcionado. Além dessa mudança no comportamento da

juventude, não existem mais os papéis sociais rígidos de autor e leitor ou de locutor e interlocutor, pois todos estão imersos em uma rede interativa. A *Fanfic* é a prova disso, uma vez que os fãs, são coautores também por meio dos seus comentários sobre a obra que estão lendo. Sobre isso, Azzari e Custódio (2013) argumentam que:

Com a escrita colaborativa, a remixagem de diferentes textos, a circulação em rede desses enunciados, certamente, uma nova função autor é apontada e atrelada à noção do nascimento do leitor como sujeito engajado, com mais possibilidades de leituras, debates e produções que podem promover o seu protagonismo. (AZZARI; CUSTÓDIO, 2013, p. 84).

A compreensão desse gênero digital e de tantos outros, que surgem a todo instante na grade curricular de um sistema de ensino, pode permitir que o aluno se veja como protagonista, pois com a mediação do docente, o estudante escolhe os caminhos pelos quais irá percorrer no meio digital e estará mais apto para atender às demandas de uma sociedade globalizada como a nossa. Muitos estudantes já integram uma comunidade de fãs e tem conhecimento de como navegar pelos sites de *fanfic*. Assim, os conteúdos teóricos ensinados nas aulas de leitura e escrita devem ser aplicados a vida prática em gêneros que muitos jovens usam, como argumentam Paula e Zandonadi (2020):

Pensando que as fanfictions tratam de temas de interesse de uma parcela dos jovens e que são produções espontâneas, feitas durante suas horas de lazer, extraclasse, e que refletem e refratam<sup>4</sup> uma prática social contemporânea, trazê-las para o interior das práticas escolares (que também são, claro, práticas sociais, ainda que de outro tipo) constitui uma estratégia possível na formação de leitores e escritores. (PAULA; ZANDONADI, 2020, p. 91).

Além disso, as autoras declaram que o texto de fã pode diminuir a falta de motivação dos alunos em leitura e escrita. O docente pode, por exemplo, fazer um levantamento acerca das preferências culturais dos seus alunos e instigá-los a desenvolver *Fanfics* sobre as mesmas ou trazer *fi'cs* baseadas em clássicos da literatura mundial e nacional, a fim de motivar os discentes a ampliarem seu repertório literário.

Incentivar a produção colaborativa existente no gênero em estudo possibilita o protagonismo da escrita jovem, sobretudo, se o professor direcionar os alunos para a publicação das *Fanfics* nas redes, o que permite incentivá-los a ingressar no mundo da escrita digital. Pode-se fazer um trabalho interdisciplinar com as Ciências Humanas

e Naturais envolvendo *Fanfics* que debatam questões sociais, a fim de incentivar o pensamento crítico dos discentes expressando-o por meio da escrita nas mídias. Contudo, há uma resistência à inserção desse tipo de ensino centrado na linguagem digital e de seus poderes semióticos, devido a fatores como a cultura erudita e behaviorista, ainda muito impregnada na escola, apesar da mesma estar imersa em um contexto que pede um ensino mais adequado ao século XXI. Mesmo quando os gêneros digitais são o assunto de uma aula, geralmente não são usados como uma ferramenta didática que proporciona interação em um processo colaborativo de construção de sentidos.

É necessário relacionar as TIC com o ensino por meio de objetivos claros e possíveis, além de conhecer o manuseio das tecnologias para que os alunos interajam entre si e com o docente e tenham criticidade quando escolherem dados para suas produções textuais. Mesmo em escolas que possuem equipamentos de última geração e internet acessível, existem aulas bem tradicionais. Como afirma Ribeiro (2018),

Uma aula com computadores e celulares pode não trazer nada de novo. Uma aula com blogs e games pode ser apenas mais do mesmo. E se o professor sente isso ou, pior, percebe que o equipamento apenas lhe aumenta o trabalho e consome seu tempo, ele abandona os recursos. Qualquer um faria isso, afinal. [...]. Na sala de aula, se não amplia, auxilia, economiza ou valoriza...para quê? (RIBEIRO, 2018, p. 108).

O professor deve ser um pesquisador curioso e motivado para inserir os multiletramentos digitais na sua prática de ensino. Não basta reconhecer que eles são importantes, mas manifestar interesse em ações educativas planejadas e eficazes para que as TIC potencializem o processo de ensino aprendizagem e não sejam meras substituições de instrumentos tradicionais, como a própria voz do professor. Os recursos e conteúdos convencionais não devem, obviamente, ser menosprezados, mas a escola deve mudar a forma de abordá-los, pois tanto os discentes como os docentes precisam ver sentido no que estão realizando, ou seja, atentar para a relevância e atualidade de um determinado conteúdo, de maneira a corroborar para um espaço escolar mais humano e inovador.

É essencial refletir sobre o protagonismo e o engajamento que a *Fanfic* e os demais gêneros digitais promovem, uma vez que os alunos precisam ser autônomos no uso das linguagens líquidas (BAUMAN, 2014), tendo em vista que precisam da mediação do professor, do apoio da comunidade escolar e de uma estrutura física e

pedagógica adequadas ao século XXI para terem um domínio mais amplo das TIC, principalmente, em um país como o Brasil que possui injustiças sociais no acesso aos meios digitais. São necessárias políticas públicas por partes dos governantes e legisladores que priorizem a solução da problemática da inclusão de novas tecnologias na escola, para que a instituição escolar cumpra seu papel de promover o debate e o diálogo com a sociedade.

A *Fanfic* pode fazer parte desse novo espaço escolar, de maneira que ao invés de excluir e normatizar o internetês e os comportamentos dos jovens nas redes sociais, a escola possibilite que o aluno compreenda e saiba usar os novos gêneros digitais e se expressar nas novas práticas sociais multiletradas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possibilitar condições para que os alunos possuam habilidades de leitura e escrita satisfatórias e que sejam inseridos em práticas pedagógicas coerentes com as diretrizes que o século XXI exige, torna relevante o uso das *Fanfics* na formação escolar do sujeito atual, face ao contexto tecnológico e repleto das mais diferentes linguagens. C4Esse é o papel da escola, que pode alcançar essa finalidade através de ações que considerem a formação de um jovem crítico e consciente dos multiletramentos, assim como das multimodalidades dos gêneros digitais existentes atualmente. Não há mais sentido em formar alunos apenas para memorizarem um conteúdo antes de fazerem uma avaliação.

As TIC e os gêneros digitais, vêm sendo considerados ainda, de acordo com Ribeiro (2018), como fim e não como meio. Isso significa que a *Fanfic* e outros gêneros digitais não estão sendo apresentados em sala de aula de forma contextualizada, a partir de suas respectivas áreas de produção, circulação, estruturas e público alvo. Fazer isso é importante, pois as transformações sociais e culturais acontecem de uma maneira rápida e multilateral e cada uma delas permitem o surgimento ou a atualização de um gênero discursivo. A ficção de fã é um gênero discursivo, pois reflete as mudanças das relações sociais no meio digital, inclusive possibilitando a criação de comunidades e grupos que interagem entre si, de maneira a colaborar diretamente na produção de um *ficwriter*, o que torna fundamental sua inserção nas práticas didáticas.

Houve avanços significativos e promissores nas mais diversas regiões do país no que se refere à adesão das TIC e dos gêneros digitais e discursivos nas aulas de leitura e escrita. Porém, ainda há muito trabalho a ser feito, pois o foco do sistema de ensino deve ser considerar o discente como autor da sua produção textual, levando em conta o seu universo cultural e sua cosmovisão, para que as aulas sejam mais dinâmicas e inovadoras e os alunos passem de meros receptores para construtores do seu conhecimento, tornando-se protagonistas de sua aprendizagem.

A produção textual dos alunos a partir do uso de *Fanfics* na sala de aula pode possibilitar uma colaboração discursiva entre os alunos. O trabalho com a escrita em esfera escolar, apoiado pelos instrumentos pertinentes às novas tecnologias, favorece o ensino aprendizagem sob uma perspectiva de multiletramentos porque facilita a construção multimodal e a diversificação de diferentes situações de interação socioculturais.

O mundo e a cultura de fãs são um universo vasto, e de muitas formas inexplorado pela maioria das pessoas, principalmente no meio escolar; o funcionamento social e discursivo dessas comunidades pode ser muito distinto entre si, mas algo é certo, em qualquer contexto, sempre haverá a produção de *Fanfics*.

## REFERÊNCIAS

AZZARI, F. E.; CUSTÓDIO, A. M. *Fanfics*, Google Docs... A produção Textual Colaborativa. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ Conectada** os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CAMARGO, Ana Rosa Leme. **Escrita no espaço digital**: criação e atribuição de autoria em Fanfictions. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8099/DissARLC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21/07/2020.

CASTRO JUNIOR. Felicidade clandestina: felicidade é apenas um sonho, **Fanfics Brasil**. [S.l.: s.n.], 2019. Disponível em: <https://fanfics.com.br/capitulo-fanfic/59404/1/felicidade-clandestina-felicidade-e-apenas-um-sonho>. Acesso em: 08 jul. 2020.

FÉLIX, C. T. O Dialogismo no Universo Fanfiction: uma análise da criação de fã a partir do Dialogismo Bakhtiniano. **Ao Pé da Letra**, Recife, v. 10.2, n. 2, p. 119-133, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/article/view/231642>. Acesso em: 21/07/2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014. (Coleção Leituras Filosóficas).

ISAAC. Felicidade clandestina 2: feijão com arroz. [S.l.]: **Fanfics Brasil**. 2019. Disponível em: <https://fanfics.com.br/fanfic/59911/felicidade-clandestina-2-feijao-com-arroz-clarice-lispector>. Acesso em: 08 jul. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. 1. ed. São Paulo: Rocco, 2009.

LOBATO, M. Negrinha. São Paulo: Globo, 2009. Disponível em: <http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/PZf7vIVNDe9gsm1.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MAINGUENEAU, D. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web? **Revista da ABRALIN**, Maceió, v. 15, n. 3, p. 135-160, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/50230/30875>. Acesso em: 20/07/2020

ORLANDI, P. E. **Análise do discurso**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PAULA, D. L.; ZANDONADI, S. R. Fanfiction: leitura e escrita na era digital. **Línguas e Letras**, Cascavel, v. 21, n. 49, p. 86-107, 2020. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24332/pdf>. Acesso em: 20/07/2020.

PINHEIRO, Nicolle Lemos de Almeida. **Do sonho à publicação**: o alcance literário das Fanfics. 2014. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2197#preview-link0>. Acesso em: 20/07/2020.

PORTO E SILVA, L. F. Melodrama, Folhetim e Telenovela Anotações para um Estudo Comparativo. **FACOM**, São Paulo, n. 15, p. 46-54, 2005. Disponível em: [http://faap.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_15/\\_flavio\\_porto.pdf](http://faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_15/_flavio_porto.pdf). Acesso em: 20/07/2020.

RIBEIRO, E. A. **Escrever, hoje**. São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros do discurso no círculo de Bakhtin. **Simpósio Internacional de Gêneros Textuais/Discursivos**, v. 4, p. 1761-1775, 2007. Disponível em: [encurtador.com.br/mzHZ1](http://encurtador.com.br/mzHZ1). Acesso em: 22 jul. 2020.

SILVEIRA, Suélen Palhares da. **Dos folhetins às Fanfics**: dos jornais e telas para os livros. 2018. 142 f. Dissertação (Mestre em Letras) – Universidade Federal de São João Del- Rei, São João Del- Rei, 2018.

Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/Dissertacao%20-%20Suelen%20Palhares%20da%20Silveira-Turma%202016.pdf> . Acesso em: 19/07/2020.

SIQUEIRA, Márcio André de. **A desconstrução da Fanfiction Resistência e mediação na cultura de massa**. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/2963/1/arquivo1873\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/2963/1/arquivo1873_1.pdf)  
Acesso em: 19/07/2020.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **Do fã consumidor ao fã navegador-autor: o fenômeno fanfiction**. 2005. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.

Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/869#preview-link0> Acesso em: 19/07/2020.